

Made in China

Poderemos chamar-lhe Marta. Era uma jovem candidata a professora como tantas outras e já ia no seu terceiro mês de estágio.

No dia da Festa do Natal, *"as crianças mostravam eufóricas os seus presentes"*. Todas... excepto uma. A jovem estagiária descreve *"a aluna postada no fundo da sala, de rosto sério, sem sorriso, expressão neutra, de olhos aguçados e cabelo negro, calada, a observar. Era uma adolescente (que, soube depois, tinha catorze anos) de origem chinesa"*.

O primeiro contacto é premonitório do que mais adiante viria a acontecer: *"Os nossos olhares cruzaram-se e eu sorri. Hesitei em falar, melhor dizendo, gesticular, hesitei em tornar a olhar. Depois de breves segundos, desisti de comunicar com a nova aluna"*.

Os pais da jovem chinesa tinham encontrado num restaurante da cidade o destino feliz da sua saga migratória. Na cozinha e na sala de jantar, o mandarim era a língua oficial. O patrão recomendava que conservassem, nas falas e nos gestos, o exotismo e a graciosidade, *clichés* ou veros atributos dos orientais que os clientes muito apreciavam. Na rua e no mercado, a conversa era outra e a comunicação mais exigente. Aí, o dedo indicador e alguns esgares compensavam a elementaridade do vocabulário.

Mas a rua havia ensinado às filhas um vasto repertório, onde pontificava o vernáculo. As miúdas, que eram umas ignorantes da língua de Camões mas não eram parvas, adivinhavam nas palavras captadas nas brincadeiras e zaragatas uma carga pejorativa pouco abonatória e de utilização pouco recomendável no meio *académico*. Não é, pois, de espantar que se remetessem para um total mutismo na sala de aula. E *"lá sossegadinhas eram, nada que se comparasse àqueles vândalos do bairro"*...

A estagiária deixou passar as férias de Natal, deixou que decorresse mais de um mês, e, por alturas do Carnaval, reuniu toda a coragem necessária e avançou para o fundo da sala, ao encontro do desafio. Meteu conversa com a chinesa, mas obteve *"uma resposta negativa"*. No dialecto do bairro, como no mais puro mandarim, este eufemismo equivale, no mínimo, à expressão *"vai dar uma volta, a ver se chove"* (e o leitor já percebeu que também o narrador não escapa ao recurso a figuras de estilo, para não ter que enxamear a escrita com reticências).

A estagiária não se deu por achada com a *"resposta negativa"*, habituada já a outros e bem mais contundentes mimos que os *"vândalos do bairro"* costumavam dispensar às estagiárias. Fazendo-se desentendida, a Marta leu no olhar da aluna qualquer coisa parecida com um pedido de atenção. E passou a entrecortar o seu afã de estagiária com momentos de encontro com a aluna do fundo da sala, o que parecia satisfazer a professora cooperante:

- *"Mas a menina não se iluda! Não sei o que fazer dessa aluna. Está-me desde Janeiro no pa, pe, pi, po, pu e no ta, te, ti, to, tu. E daí não passa..."*

Efectivamente, a Li Yan (assim se chamava a pequena) dali não passava. Mas, *"sentada a seu lado, com montanhas de imagens e objectos"*, a estagiária Marta trabalhava *"arduamente em todos os dias de estágio e sempre que era permitido"*. Tinha prescindido do *"pa"*, do *"pe"* e do *"pu"*. A Li Yan interessou-se pelos jogos de identificação de palavras, construiu *"pequenas frases como «A Li tem os olhos pretos»* e a Marta até já tinha conseguido obter da aluna chinesa *"um sorriso e um «Olá»"*.

Um mês mais tarde, a estagiária arriscou fazer um teste. A Marta apontou para a mesa e disse *"mesa"*. A jovem chinesa apontou para a mesa e disse a palavra *"mesa"*. A Marta apontou para o livro e disse *"livro"*. A aluna apontou para o livro e repetiu: *"livro"*. A Marta apontou para o lápis e disse *"lápis"*. Porém, quando a miúda apontou para o lápis, respondeu: *"made in China"*. E, com sotaque muito *british*, acrescentou:

- *"China! That's my country!"*

A surpresa da Marta seria ainda maior. Aproveitando-se das liberdades conferidas pelos *"tempos mortos dos intervalos"*, descobriu que, para além de bem falar inglês, a Li Yan nunca errava contas de três e mais algarismos no divisor, que possuía um absoluto domínio de conceitos na área das ciências naturais, e que não era despicienda

a sua mestria na expressão plástica.

Nenhuma destas competências pareciam relevantes para a professora cooperante. Em abono da verdade, digamos que a professora nem suspeitava da existência destes dons naquela aluna do fundo da sala. O tempo era escasso para "dar o programa à turma", não sobrava tempo para *chinesices*. Nem o facto de a Li Yan ser dotada de um profundo conhecimento do património literário universal impressionou os soberanos avaliadores. Foi de *riquexó* para "a sala da primeira" Onde é que se havia de meter uma jovencinha de catorze anitos que não percebia uma palavra de português? Na primeira classe, como é bom de ver!

A culpa do inevitável "atraso" era da pequena, por ser *made in China*, como acontece com os lápis e as porcelanas. A culpa era toda da gaiata de olhos rasgados que perturbavam a normal fisionomia. Quem a mandou vir de um lugar que os etnocêntricos europeus designam por Extremo Oriente para o Extremo Ocidente do Extremo Oriente ?

Porém, a jovem estagiária nem sonhava quantos "chineses" a rodeavam, naquela sala de aula. Nem ela, nem a professora cooperante, a qual, só provindos do bairro, contava cinco ou seis "chineses" na turma. Chineses seriam, pois "não acompanhavam os outros, nem pareciam compreender o que se dizia".

A futura professora também não imaginava quantos "chineses" iriam passar ao largo das suas futuras aulas. E as recomendações de uma pragmática supervisora apaziguavam as dúvidas que, por vezes, assomam aos jovens espíritos:

- *"Enquanto for aluna estagiária, a menina terá de fazer planos para alunos diferentes, quando lho for pedido. Depois, quando já for professora e tiver a sua turma, segue os alunos normais e faz como vê agora a sua professora cooperante fazer".*

Se bem que não captasse toda a lógica da sábia recomendação, a Marta não ousava arriscar uma má nota no estágio a troco do bem-estar de meia dúzia de *chineses*. A argumentação com que pretendia legitimar a cínica atitude era a mesma que se podia ouvir da boca de todos os seus colegas de curso:

- *"Quando tiver uma turma só minha, dou uma ficha à turma e assim já posso dedicar-me a crianças como a Li Yan. Agora, tenho de me sujeitar, não é? Se eu sou obrigada a apresentar planos e a cumpri-los à risca!... Que é que eu posso fazer?"*

- *"Pois é... - sublinhei - os chineses não entram nos teus planos."*

A Marta não tardou a compreender a ironia (e matreirice) do meu comentário porque, em alguns estágios, incidentes críticos ajudam a reescrever os insondáveis desígnios de uma profissão. Em meados de Abril, chegou a vez de a Marta dar a sua aula. "Contava e muito para a avaliação", pelo que cumpriu à risca o plano. Como mandam as regras de bem planificar, os primeiros três minutos e quarenta e cinco segundos foram despendidos na "motivação". Ia já a passar à exposição do tema, quando o seu olhar se cruzou com "o petrificado olhar da Li Yan". Parecia dizer-lhe "vem sentar-te junto de mim!" Sentiu que "aquele olhar implorava, mas nada podia fazer". A Li passou aquela manhã a olhar para a sua amiga, "como a dizer «vem ter comigo»",

A Marta confessou-me o desconforto: "Senti-me tão mal que, sempre que olhava para ela, desviava o olhar, para não me sentir ainda pior. Aquele olhar incomodava-me e eu desisti de olhar para ela. Foi o que me valeu!" Felizmente, a professora cooperante e a supervisora não se aperceberam das hesitações, e a Marta passou, com êxito, às etapas seguintes do plano de aula para os não-chineses.

Talvez porque a consciência a acusava de algo que ela apenas pressentia, aproveitou uma das nossas conversas de fim de tarde para "desabafar". Na idade da Marta, ainda são comuns estas crises, rapidamente debeladas no *salve-se quem puder* dos dias probatórios.

O episódio da "aula dada pelo plano" parece não ter afectado a relação. Se a Marta ganhara consciência de que nada sabia de ensinar, compreendera que o que é melhor para os alunos terá de ser o melhor para os professores. Crescera como pessoa e aprendera que só havendo pessoa nela se pode plantar um professor.

Por sua vez, Li Yan ficara algo confusa, mas a sua sensibilidade dizia-lhe que continuariam amigas. Sinal seguro da existência do vínculo afectivo foi o facto de Li Yan ter passado a tratar a estagiária por "Professora Marta", no que diferia dos colegas da turma, que não abdicavam do tradicional tratamento por "estagiária" imposto por uma professora cooperante pouco dada a confusões ou a faltas de respeito.

No dia do aniversário da "professora Marta", a Li Yan presenteou-a com "um estupendo desenho" (nas palavras de uma Marta visivelmente comovida) acompanhado de quatro pequenas grandes frases:

*"A escola é bonita e grande.
O recreio é grande."*

*A Marta é muito boa e muito bonita.
Eu muito gosto Marta"*

E à única "professora" que lhe prestava atenção a Li Yan conferiu o privilégio do acesso aos segredos de um "Diário", se bem que (como me confidenciou a Marta) estivesse *"escrito em chinês e não se percebia nada"*. A jovem chinesa estava tenta às dificuldades de leitura da "professora". Por isso, os dias que se seguiram foram de docência a meias: se a Marta ajudava a Li Yan a alargar o seu conhecimento do português, a Li Yan ensinava à Marta rudimentos de escrita chinesa.

Recentemente, numa entrevista concedida a um jornal diário, a presidente de Conselho Directivo de uma instituição de formação inicial dizia que *"os professores não têm formação para dar aulas às crianças que estão fora dos padrões normais"* e que *"será necessário empreender uma profunda alteração na sua preparação científica e pedagógica, já que, muitas vezes, as coisas que se ensinam não são as mais importantes"*.

Como não duvido da bondade da afirmação, subsiste um paradoxo.

**José Pacheco
Escola da Ponte
Vila das Aves**